

O artista e a obra na criação artística [Ensaio]

Ediane Gonçalves Morati

Pretende-se aqui compreender como Heidegger pensa a relação entre artista e obra de arte, tema de sua investigação no texto *A origem da obra de arte*. Pensar artista e obra é buscar a origem da obra de arte, e para desenvolver um pensamento nessa direção, faz-se necessário, de chofre, buscar compreender como o autor irá trabalhar o termo “origem”.

Origem em Heidegger, diferente do que, de um modo geral, se compreende, não quer dizer início, uma vez que início é compreendido como o ato de começar a realização de algo, por exemplo, ao se iniciar uma estátua, primeiro, se extrai o mármore; início, tomado nesse sentido, é algo que se começa e finda – no exemplo, após a extração da pedra, de-se início a criação de uma estátua, ação que, ao se findar, torna-se passado. Diferente disso, a palavra origem, na visão do filósofo alemão, quer dizer desde onde algo torna-se o que é e como é. Origem é o que proporciona o vigor, quer dizer, é o que se dá a cada momento em que algo é, sendo assim, o alicerce sobre o qual tudo se assenta enquanto existe. “A pergunta pela origem da obra de arte pergunta pela proveniência da sua essência”.² Então, a origem da obra de arte será encontrada no que faz com que ela vigore essencialmente, e não em seu início passado.

O autor inicia o texto *A origem da obra de arte* apontando para a possibilidade de nos enganarmos, achando que é a obra que faz o artista ou que é o artista que faz a obra. Eles são o que da arte se tor-

na “efetivo”. Entretanto, essa parte “efetiva” está no âmbito do que Heidegger explicita como ente (no caso, meios por onde a arte vem a ser o que ela é), mas a arte por si só é o vigor que traz a tona esses entes, a obra e o artista.

Ele também aponta para a possibilidade de pensar que a origem da obra de arte está no material do qual foi feita, no óleo sobre tela, no mármore da estatueta. Mas, não é o mármore que faz da obra uma criação artística, uma vez que, uma escada feita de mármore, não é uma obra de arte por ter sido feita pelo mesmo material. Em outras palavras, a essência, da obra não aparece no material do qual foi feito.

O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Não obstante, nenhum dos dois portam, por si só, o outro. Em cada caso, o artista e a obra são, em si [mesmos] e na sua relação recíproca, mediante um terceiro [termo], que é o primeiro, sendo por ele [e] a partir dele que o artista e a obra de arte adquirem o seu nome – mediante a arte.³

Esse outro, do qual nos fala Heidegger, corresponde a um acontecimento, que é o próprio criar artístico: “o pôr-se em obra verdade”.⁴ Explicar como a verdade é tomada como fundamento dessa relação é o que se pretende aqui.

Achar que o papel do artista na obra de arte é dar origem a ela é só um dos vários desvios que a

resposta para o tema em questão pode apresentar. Também não é a obra, em seu caráter material, que resguarda o primordial da criação artística. O artista e a obra são o supérfluo da criação artística, ambos super-fluem de algo maior. Segundo Heidegger, esse algo maior é a verdade, que no criar artístico vigora (se origina), e se dá a todo o momento – “a arte é o pôr-se em obra da verdade”⁵.

Mas, por que e como a verdade está originando a obra? Verdade, em Heidegger, tem o seu sentido primário do grego antigo que, desviado ao longo dos anos, busca por ele ser recuperado, a *alétheia*. Etimologicamente, *alétheia* é uma palavra composta do “a”, termo de negação, e “léthe”, que significa encobrimento. Pode-se então, dizer que uma tradução que preserva melhor o termo é des-encobrimento. O *des* é visto como uma clareira, que traz luz ao *encobrimento*, à ocultação, o que nega o encobrimento. Verdade, então, está longe de ser certeza, como se entende de imediato, e sendo, metaforicamente, um encoberto que não quer se ocultar, o que assim vigora no combate “clareira e ocultação”. Nesse combate, não há uma anulação de um em prol do outro, o que ocorre é um co-pertecimento, ambos se dão enquanto des-velamento, simultaneamente.

O meio da verdade se colocar em obra é o artista. Entretanto, quando o vigor da arte se instala, o sujeito não possui o arbítrio do que faz, ele não escolhe o que deve ser realizado. A ele não cabe fazer, e sim deixar. Ele é o *meio* que a verdade se utiliza para trazer à tona o conflito entre “clareira e ocultação”. E a arte, por sua vez, não se mostra como o contorno da estátua, ou as cores da pintura, e sim como a própria verdade, enquanto movimento criador. O vigor da arte corresponde à criação que deixa a verdade se colocar em obra.

Ao se deparar com a obra de arte, o homem não é um e a obra outra coisa, como na relação sujeito e objeto. O artista é na obra. E assim, a criação artística mostra na obra o próprio criar (a abertura). A obra se estabelece como universal, o que se vê é sempre o “mesmo” em todas as obras: o acontecimento da verdade, o vigor da criação.

É importante ressaltar que o movimento de criação não está completado quando se chega ao fim da obra, a produção de um quadro, por exemplo, não finda na última pincelada. Sua origem, como definida no começo desse texto, é contínua e simultânea à existência da obra enquanto criação artística. E o fim não se dá quando a obra “acaba” (se é que isso é possível), e sim quando ela se completa. E para que essa completude seja alcançada, é necessário não apenas o objeto artístico, que não é menos essencial para o movimento artístico por isso, mas também o resguardo da criação.

Esse resguardo clama por uma visão da obra, entretanto, não uma visão comum, e sim uma visão mais própria, de forma esclarecida, que abre a possibilidade de ver o que ela não mostra enquanto matéria, mas apenas enquanto acontecimento da verdade. Heidegger diz que esse resguardo, esse ver para além do que é mostrado na obra enquanto ente, tão fundamental para a origem da obra, se efetiva sempre desde a abertura para essa “pura” *possibilidade de apreensão e cuidado* com o que foi visto.

Podemos, então, dizer que a obra e o artista são um intermédio por onde a verdade se põe em obra, lembrando que a origem da obra não está presa e, muito menos, determinada, no artista e na obra.

A obra é uma abertura por onde a verdade se deixar ver; o artista é o homem que obedece ao aparecimento desta de forma dócil e linearmente cor-

respondente ao que foi visto. Ao artista cabe a fidelidade. E a obra deve ser o intermédio, o meio por onde a verdade aparecerá para que, no “homem que resguarda” (que deixa a obra repousada nela mesma), possa se perfazer a criação artística.

O artista e a obra de arte, têm o papel de tornar a arte efetiva, deixar que ela venha a ser à medida que “a arte é o pôr-se em obra da verdade”⁶. O que vai surgir desse movimento não é um artista famoso (tomando fama como hoje se apresenta, ao bel prazer da mídia) e a obra de arte não é mais importante à medida que as peças são mais caras. A arte essencialmente faz parte do agir do homem e não tem nenhuma ligação direta com comércio ou *glamour*. Então, “o surgir diante do ser criado a partir da obra não quer dizer que, na obra deva tornar-se perceptível que foi feita por um grande artista”⁷.

O artista como criador, não efetiva a obra para ser um artista de renome ou para ganhar dinheiro. A ele cabe apenas obedecer, ele é mais artista quanto menos faz, uma vez que, não segue seu arbítrio. Ele necessita apenas ser dócil ao aparecimento da verdade. O artista pode ter o domínio das técnicas de escultura, por exemplo, mas, quando põe em obra, o que aparece na obra não é o fruto de seus estudos das formas, mas algo maior e independente de sua vontade. Ele é o meio que a verdade se utiliza para se efetivar, e ela se impõe de tal forma que toma o homem, o papel do artista é compreendido fora de seu corpo, de seu arbítrio, de sua vontade e dentro da própria origem compreendida como verdade (*des-velamento*).

O homem deixa de ser sujeito, essa relação sujeito x objeto, não existe nesse contexto, uma vez que, o sujeito é agente, é o que faz, e faz por vontade própria. O artista não é um homem que, possui o

domínio da espátula, conhece o mármore e à medida que mais somou conhecimentos e experiência, esculpi melhor; e menos ainda é quem ganha prêmios, ou vende mais. O artista não é à medida que é reconhecido, mas à medida que obedece.

A verdade na hora da criação se apresenta para o artista como uma fenda, uma abertura por onde ele vê a verdade. O melhor artista é o que consegue corresponder ao que viu. Cabe ao artista mostrar, tornar visível o que apareceu para ele no momento da criação. O artista capta o instante e o transforma em arte.

O artista vê a verdade por uma fenda que se abre e fecha, e tem que tornar o que viu por ela visível a todos. O homem é artista à medida que traz a tona o que viu por essa abertura. Quem não é artista, olha para um bloco de mármore e vê um bloco de pedra. Com Michelangelo, por exemplo, era diferente ele olhava o mármore e via uma escultura. Isso porque ele, como artista, era possuído por esse movimento que é a arte e estava sempre a disposição. O artista é então o médium que é capaz fazer aparecer o que aos olhos não se oculta. Ele está sempre disposto a satisfazer a esse aparecimento com docilidade e também com um cuidado com o que viu, para que corresponda fielmente.

A obra por sua vez não se mostra como obra e sim como a própria criação (a abertura). Ela é o meio pelo qual a verdade se mostra. Mas para que haja esse aparecimento não basta que a obra de arte esteja visível, e que corresponda fielmente ao que foi visto pelo artista e então mostrado em forma de obra de arte. Tão importante quanto isso, é o resguardo.

O resguardo se refere à visão da obra, só que uma visão que se abre à possibilidade de ver na obra o que ela não mostra enquanto matéria, mas

enquanto aparecimento da verdade. Por exemplo, se uma escultura de Michelangelo Buonarroti é colocada em cima de um monte de papéis para que o vento não os jogue ao chão, a obra perde seu caráter artístico e passa a ser apenas peso, por isso se faz necessário que a obra seja vista com uma disposição. Se quem vê a obra não se abre à possibilidade de ver arte, nesse momento não há arte.

Ao homem não cabe somente ser artista e trazer a tona à obra de arte, mas também, e não menos essencialmente, deixa-la vir a ser, em outras palavras, ter a prudência, o cuidado, o pundonor, “a arte é o resguardar criador da verdade na obra”⁸.

Infere-se daí que o papel do artista é construir uma ponte que ligue o aparecimento da verdade, que por ele foi visto, a visão de todos. E a obra de arte é o ente que servirá de abertura para que, o homem que cuida, que resguarda a arte, possa ver por ela o pôr-se em obra da verdade.

Ser artista é ser dotado da capacidade de produzir de modo cuidadoso. Um homem que fabrica esculturas em massa para que sejam vendidas, e sempre se valendo de cópias de produções que forem realizadas com êxito, ou seja, que tiveram aceitação no mercado, é um produtor, mas de forma alguma um artista.

Artista é o homem que ausculta a verdade e age de acordo com o que por ela foi ditado. Por isso, é fundamental para pensar artista e obra no pensamento de Heidegger mostrar como arte não é apenas belas artes.

Toda vez que algo é produzido de forma plena e essencial, sem a preocupação de garantir de antemão o que será feito, e com cuidado e obediência se faz arte. O artista aparece onde se abdica do agenciamento, onde se deixa fazer, onde o homem se vê

como um mediador e não como sujeito.

A arte é a essência do homem. Faz-se arte quando o homem se entrega a produção e não comanda a produção. Obra de arte surge no produzir docilmente, e atentamente ligado ao que se mostra.

O que é mostrado (o movimento da verdade) para ser visto carece de atenção. Então, o artista está sempre atento e disposto. E a obra está sempre correspondendo retamente, fielmente o que o artista viu e sendo, assim, a abertura por onde a verdade vai pôr-se em obra.

Notas

Ediane Gonçalves Morati possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Referências

- HEIDEGGER, M. Caminhos de floresta. Trad. Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- _____. Ensaios e Conferências. Trad. E. C. Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- _____. O Caminho para a Linguagem. Trad. Márcia Sá Cavalcante Shuback. In: A Caminho da linguagem. RJ: Vozes, 2004.
- _____. Ser e Tempo (Partes I e II). Trad. Márcia Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- _____. Sobre o humanismo. Trad. E. C. Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- Haar, M. A obra de Arte: Ensaio sobre a ontologia das obras. Trad. Maria Helena Kühner. RJ: Difel, 2000.
- ESTRADA, Paulo C. D.. Sobre a obra de arte como acontecimento da verdade. in: O que nos faz pensar. Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. Vol. XXIII. RJ, 1999. p 67 – 78.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. Aprendendo a Pensar. Vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.